



A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA TEÓRICO-PRÁTICA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Autor: Eduardo Barboza de Souza;
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, eduardosouza369@hotmail.com

Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, angelica.mara2@gmail.com

Resumo: Em meio as discussões no que concerne à formação inicial de professores percebemos a importância dos estágios supervisionados para uma maior efetivação desta. É de suma importância a discussão do estágio supervisionado como um espaço de formação, assim possibilitando tanto ao professor quanto ao aluno o desenvolvimento de habilidades necessárias à prática docente, e só assim através da produção de saberes, refletir a prática docente, e é isto que propusemos destacar neste trabalho. Deste modo, o presente artigo tem como objetivo mostrar as narrativas de estágio numa perspectiva relacional de teoria e prática a fim de subsidiar na formação inicial do licenciado em Geografia. Para tal, utilizamos como aporte teórico: Carlotto (2002), Cavalcanti (2012), Lira (2013), Pontuschka (2007), entre outros. Percebemos então, que a realização do estágio vêm trazendo para nós, futuros professores, o prazer de ser mais um na incansável luta pela educação. O caminho à percorrer é árduo, algo perceptível a cada dia que entramos nas escolas e participamos de uma aula, de reuniões, de encontros pais e mestres, percebemos que é preciso paciência e acima de tudo ética para enfrentar o longo caminho que nos espera.

Palavras-chave: Ensino, Formação de professores, Geografia

1. INTRODUÇÃO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O Estágio Supervisionado é de suma importância para o processo de formação do professor, uma vez que este componente curricular condiz com a ideia de que é necessário ao professor o contato direto com o ambiente de trabalho que futuramente irá presenciar. O Estágio nos garante o conhecimento das práticas e vivências na escola, um ambiente capaz de dispor de análises diversas, desde uma simples conversação aluno-professor, até mesmo diretor- pais.

De acordo com Lira (2013 *apud* BARBOSA, 2014, p.1): “o estágio, historicamente, foi utilizado como requisito importante para formação dos profissionais, os quais usavam a repetição das práticas observadas como fundamentos para suas futuras profissões. O estágio se restringia, então, à aquisição de habilidades técnicas.” Ademais, conforme a LDBEN 9394/96, no seu artigo 61, cita-se que os profissionais em educação deveriam ter uma formação sólida e que a teoria e a prática deveriam ser concretizadas através dos estágios supervisionados.

Acreditamos então na importância do estágio supervisionado, pelo fato do mesmo possibilitar o contato com a realidade presente no ensino básico, e neste caso em específico: o ensino público. E, por suposto, possibilitar que se conheça todas as estruturas que regem a escola em si, e não só as aulas de Geografia, visto que nosso futuro local de trabalho não se resume à sala, mas envolve todo o espaço escolar e participação nos diversos desafios que estão presentes nas escolas. Viabilizando assim oportunidades de aprendizagem da profissão docente e da construção da identidade profissional. O presente artigo tem como objetivo mostrar as narrativas de estágio numa perspectiva relacional de teoria e prática a fim de subsidiar na formação inicial do licenciado em geografia.

As escolas campo de estágio foram a Escola Estadual de Ensino Fundamental João Fagundes de Oliveira, localizada à Av. José Benedito da Silveira, Nº 26; e a Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Dr.º Antônio Batista Santiago, localizada no Alto Professor Maciel – S/N. Ambas mantidas pelo Governo Estadual da Paraíba e administrada pela Secretaria de Estado da Educação.



2. METODOLOGIA

Como procedimentos metodológicos, destacamos inicialmente a prática de estágio supervisionado, para tal tivemos em sala momentos de leitura e reflexão de teóricos que envolvem em suas discussões uma perspectiva escolar a fim de relacionarmos o visto em sala com o contato nas escolas estaduais campo de estágio, portanto, dialogamos neste artigo a teoria com a prática a fim de contribuir para um maior envolvimento no que concerne à formação inicial de professores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NAS ESCOLAS ESTADUAIS: O professor e o aluno em *foco*

Diante das experiências vivenciadas percebemos a importância da observação participante para que estas possam ser apresentadas em forma de relatos das experiências vivenciadas em escolas estaduais da cidade de Itabaiana-PB. Durante a apresentação dos tópicos deste item darei a simbologia X para a Escola Estadual de Ensino Fundamental João Fagundes de Oliveira e Y para a Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Dr.º Antônio Batista Santiago.

Neste sentido, Barcelos (2006 *apud* FADINI, 2013, p.41) ressalta que as narrativas nos ajudam a refletir sobre nossas experiências, reconstruindo-as com base nas novas percepções que construímos por meio das histórias que contamos e compartilhamos com outros. A autora pontua que há unanimidade entre vários estudiosos em “[...] situar a narrativa como instrumento ou método por excelência que captura a essência da experiência humana e, conseqüentemente, da aprendizagem e mudança humana” (Idem, p. 41).

Nóvoa (2010) pontua ainda que o método (auto) biográfico possibilita “[...] repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’” (NÓVOA *apud* FADINI, 2013, p.44).

Nesse sentido, cabe ao estagiário avaliar, analisar e discutir as práticas vivenciadas nas escolas campo de estágio, na perspectiva de que é no interior da escola que somos capazes de perceber a conjuntura atual em que se encontra a educação, neste caso, especificamente a pública, e relacionar com nossa vivência, para que possamos nos posicionar frente ao que vimos (sabendo que esta é nossa profissão). Outro fator de suma importância é a capacidade de *interação* com outras profissionais formas didáticas que possam “trazer o aluno para a sala de aula”, discutindo a teoria e percebendo que há uma necessidade prática para que alunos e professores não deixem de lutar pelo sucesso educacional.

Um observar diário sobre professores e alunos

O estágio permite a observação das aulas, bem como a participação em encontros de cunho pedagógico que são de suma importância para nós que estamos envolvidos no âmbito educacional, neste sentido serão discutidas observações nas escolas X e Y, vejamos:

Dia-a-dia do estágio na escola X

No que se refere a observação docente, vale salientar que a professora regente da escola X, mais precisamente da disciplina de Geografia é Alcione Cristina Nunes Oliveira, pedagoga (UVA) e geógrafa (UEPB), é professora do ensino básico nos níveis estadual e municipal. Com base na regulamentação, esta escola funciona apenas com o ensino fundamental (do 1º ao 9º ano), neste sentido as aulas observadas foram nas salas do 8º A (Figura 1) e B e 9º Ano A e B, turmas lecionadas por esta.

A observação realizada totalizou 20 horas nesta escola, assim foi possível participar apenas de uma sequência didática que estava sendo ministrada pela professora. Durante as aulas ficou perceptível fatores tidos como importante para ressalva, como: o tradicionalismo, a “paciência” e também “domínio”, a síndrome em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sala, a assiduidade, a “inexperiência”, dentre outro descritos à seguir de forma mais **explicativa e dialogada**.

Os alunos, por sua vez, são educados *em partes*, “danados” *em partes*, esforçados, [...], alunos que não vão pra escola pra estudar, a conversa informal é vista como sendo um fator primordial no que tange às experiências em sala.

Mas, cabe aqui narrar essas práticas vivenciadas de forma que possa entender como se dá os pronunciamentos de discentes (para cada nome deles, darei a primeira letra de seu nome como símbolo) e profissionais da educação mediante o processo de ensino-aprendizagem.

O primeiro dia de estágio foi o momento de formalizar tal prática com a gestora da instituição. Logo depois o destino foi a sala de aula do 8º Ano “A” com a professora, ao chegar, o aluno N diz: “Professora é seu marido é?”, a professora paciente diz: não N, é o estagiário. O aluno N corre e diz pra turma que tem um professor “novo”, e ouvi bem longe os alunos dizerem: **-Oba!** Assim foi a receptividade dos alunos, analisando, percebemos a visão que o aluno tem do estagiário cabendo a nós relacionar com as práticas que são realmente vistas nas salas de aula do país (estagiário no lugar do professor).

Entramos na sala, eu e a professora, e os alunos curiosos ainda indagaram sobre quem seria “eu”. Após uma breve apresentação, ela iniciou a aula, (início da sequência didática que perdurou durante duas semanas sobre a Revolução Industrial), um assunto relevante e interdisciplinar. Ela inicia a aula e assim se dá início à observação da regência. Conversas e burburinhos se espalham em sala e é perceptível as dificuldades que os alunos enfrenam em relação à metodologia utilizada pela docente. De repente, surge uma indagação importante: – **Professora, a senhora vai ficar só lendo o livro e mandando a gente copiar, é?** E ainda sugeriram: – **Porque a senhora não dita, só assim, M, G e J param de conversar e vão copiar.** Neste primeiro dia de observação foi possível perceber:– Ensinar, não é tarefa fácil. Sendo assim, é possível afirmar o que diz Lira, fundamentada em Pimenta (2010) “Há uma necessidade urgente que se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

construa uma articulação entre as teorias pedagógicas as quais possam iluminar as análises da realidade educacional [...], onde a teoria é indissociável da prática.”

Na terça feira, voltamos para o 8º Ano, agora o “B” (mais duas aulas), e cada dia com exceção da quarta-feira a participação se deu em as todas aulas de Geografia nesta série. Em consonância com as aulas dos 8º ano, a participação se estendeu as aulas dos 9º ano, ministrada pela mesma professora. A turma do 9º ano “B” mostrou uma receptividade mais calma, sem interrogações. A turma esperou que a professora fizesse a apresentação formal, sem maiores interrogações. Nesta sala, bem mais calma que a outra, os discentes se mostraram mais interiorizados, porém, com uso de aparelhos celulares a professora mostrou-se bastante preocupada em meio aos desafios que alunos desta turma perpassam, como uso de drogas.

A professora informou que já pensou muitas vezes em deixar a turma do 9º ano “B”, pois já chegaram até a ameaçá-la, quando a mesma deu nota 0,0 para um dos alunos e o expulsou de sala. Ao entrar na sala, pudemos perceber quão complicado é a realidade da turma. Vale salientar que muitos se mostraram insatisfeitos com a proposta metodológica utilizada pela professora como fica evidente no trecho a seguir. O aluno **A** disse: **-Lá vem ela de novo ler o livro e passar tarefa!** No mesmo momento a aluna **J** deu uma sugestão: **-No livro, professora, tem nas páginas finais muitas sugestões diferentes de aula.** A professora respondeu a ambos: **- O que recebo me permite fazer o que faço, não tenho condições de estar fazendo trabalho diferente não!** E se desculpa pelo fato de estar com estagiário na sala.

Diante da resposta da professora, dá para perceber que a mesma passa por problemas diversos e que isto interfere na maneira de ensinar da mesma. Passando assim por consequências da Síndrome de Bournout, no qual:

[...] o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos frequente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro (CARLLOTO, 2002, p. 24).



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Dia-a-dia do estágio na escola Y

Na escola Y, que recebe alunos apenas do ensino médio inovador, foram vivenciados momentos bem diferentes das aulas na escola X. Os alunos se mostraram, de maneira geral, bastante interessados. Isto está relacionado ao fato de a gestora escolar ter uma certa autonomia frente à escola.

Nesta escola a participação se deu nas turmas do 1º Ano “A”, “B”, e “D”, 2º ano “B”, “D” e “E” e 3º Ano “A” e “C”. Diante destas turmas variadas, destacamos uma turma de cada ciclo, sendo estas o 1º Ano “D”, o 2º Ano “B”, e o 3º Ano “A”, sob regência das professoras de Geografia **S, T e M**.

Diante da turma do 1º Ano “D”, percebemos que a professora **S**, se mostrou tradicionalista. Ao participar de reuniões em outros estágios com a mesma, percebemos essa característica, que é frizada pelos alunos nas salas e nos corredores. A receptividade em sala de aula foi positiva, seguida perguntas e conversas paralelas. A aluna **J** colocou: - **Professor, o senhor vai é ter raiva, ela só usa uns fichamento ‘vei’ que chega está enferrujado, nunca muda nada!** O desabafo foi interrompido com o início da aula.

Ao entrar na sala, a professora realmente recorreu aos seus fichamentos e pediu pra que um aluno copiasse no quadro. Enquanto isso, ela procurou se inteirar se havia algum documento que necessitasse de sua assinatura para formalizar o estágio. Neste momento, a mesma colocou: -**Já passei dos anos de me aposentar, “tô” cansada “visse”?! Só venho porque se me aposentar agora eu vou perder as gratificações, e não quero perder.** Diante da fala, foi possível associar a metodologia de ensino utilizada por ela (já narrada pelos alunos) ao fato do cansaço e esgotamento da sala de aula durante longos anos de docência.

Este fato nos é descrito por Carlloto (2002): “Professores com mais idade, parecem já ter desenvolvido a decisão de permanecer na carreira, demonstrando menos preocupação com os estressores ou com os sintomas pessoais relacionados ao estresse”. Diante das aulas previstas a serem trabalhadas, ela marcou uma prova e passou um trabalho, e deu por fim a aula.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A realidade do 2º Ano “B” é diferente, são alunos que participam ativamente do processo ensino-aprendizagem em decorrência da Professora T utilizar de métodos de ensino em que os alunos estão sempre interagindo. Desta forma, a professora durante os dias de observação de estágio realizou um trabalho de campo com essa turma para Recife e Olinda, onde conheceram diversos pontos. Ao retornar, os alunos deveriam entregar um relatório e na sala seria um espaço de diálogo sobre a prática de campo.

No retorno a sala então, a professora T chegou alegre e percebeu que os alunos também estavam, e iniciou dizendo: **-Bom dia! Gostaram da aula de campo?** A resposta foi unânime: **-Sim!** A aula neste dia foi sobre urbanização brasileira, a professora trouxe pra sala o visto na aula-campo, e os alunos também fizeram suas considerações. Em um dado momento da aula a aluna C relatou: **-A cidade de Olinda é muito bonita e histórica, e o Recife é muito agitado, naquela rua mesmo que a gente passou 1 hora no trânsito, é muito diferente daqui, viu?!** A professora aproveitou a fala da aluna C e continuou a aula.

Diante disto, percebemos a importância da relação teoria-prática e sua influência no processo de ensino-aprendizagem, os alunos durante a aula mostraram que aprenderam, discutindo e a professora sempre querendo trazer para a teoria, assim relacionando-a com a prática.

Partindo para o 3º Ano “A”, mediado pela professora M, uma geógrafa que embora está prestes a aposentar-se é um destaque em influenciar os alunos a prestarem vestibular (talvez por isso leciona apenas nos 3º anos), a cada bimestre ela juntamente com a direção organiza simulados e provões, dando ao aluno a capacidade do aprendizado nas formas que o vestibular cobra. Para ela o ensino superior só tem a fazer o aluno crescer, relatando antes de entrarmos pra aula: **-Os alunos daqui são bons, o que falta é incentivo, eles tem uma vontade imensa de ir pra universidade, mas, às vezes ficam desmotivados. Tu sabe bem que não é todo professor que liga com a educação.** Infelizmente, vários professores faltam, falta merenda e os alunos – como a escola é ensino integral - ficam sem se alimentar e gera, muitas vezes, desmotivação.



Por outro lado, nesta mesma turma percebemos, diante de diálogos com professores, que é a turma “namoradeira”, por incrível que pareça a maioria dos alunos do 3º Ano “A” namoram/mantém relacionamentos com outros alunos da escola, dou este destaque pois é bem perceptível nos corredores da escola “as duplas”, diante do contexto ficou evidenciado que o papel da escola se amplia, agora em um espaço também visto como um meio socialização para amizades e relacionamentos amorosos entre os adolescentes.

Durante a aulas com a professora **M** também foi discutido a questão do uso de celulares em sala. Segundo ela, esta é uma prática contínua desses alunos: **-Eles pegam o celular e dão um jeito de se comunicar, às vezes é que eu vejo, quando menos espero chega o companheiro na porta.** Este fato de relacionamentos está amplamente ligado e justificado o uso dos aparelhos celulares em sala, neste caso.

A professora vendo o fato como sendo uma dificuldade, é possível que a mesma de acordo com CAVALCANTI (2012) perceba que:

As dificuldades de tornar o ensino de geografia propiciador de aprendizagens significativas têm uma relação com o desafio de motivar os alunos. Muito se diz, para ajudar a enfrentar esse desafio, sobre as adaptações da escola, dos ritmos e dos modos de encaminhar as atividades em sala de aula. Entre essas adaptações, sem dúvida, estão as ações para lidar com a linguagem dos jovens e com maior presença de seus artefatos tecnológicos (CAVALCANTI, 2012, p. 121).

Presenciamos os alunos **J** e **K**, com um discurso parecido quando veem as suas companheiras chegarem à porta: **-Professora, vou ali na diretoria, a diretora disse que queria falar comigo. –Ei, professora! Vou tomar água.** A aluna **A** ao ver seu companheiro à porta também utilizou de um discurso parecido: **-Vou ter que ir lá na sala que o professor tal tá dando aula, para pagar a minha blusa do projeto, venho logo.** Logo percebemos essa prática contínua em apenas três aulas nessa turma, uma delas estava sendo aplicado simulados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em meio as discussões e leituras realizadas, nos trazendo um aporte teórico, tivemos que partir para o campo de estágio, o momento onde seremos socializadores daquilo que aprendemos e também do que temos a aprender. Realizar estágio é de suma importância para o processo de formação do professor, uma vez que é a partir do contato direto com as aulas, com o ambiente, enfim, com a escola que estaremos percebendo e vivendo o ambiente que nos espera.

A realização do estágio vem, para nós futuros professores, o prazer de ser mais um na incansável luta pela educação. O caminho a percorrer é árduo, percebemos isto a cada dia que entramos nas escolas e participamos de uma aula, de reuniões, de encontros pais e mestres. Percebemos que é preciso paciência e acima de tudo ética para enfrentar o longo caminho que nos espera.

As contribuições são múltiplas, destaco para a realização destas narrativas, a produção delas nos remetem a pensar naquilo que vivenciamos e interligamos com a teoria vista em sala, e diante das situações vivenciadas percebemos que as formas pelas quais perpassa o processo de ensino está cada vez mais difícil de trabalhar; olhemos então para o lado positivo, o de ter a esperança de discutir e ser mais um na busca de uma educação para todos, uma educação teórico-reflexivo, com respeito e acima de tudo com ética e justiça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOTTO, Mary Sandra. **A Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Psicologia em Estudo, Maringá, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Trabalho docente em Geografia, jovens escolares e práticas espaciais cotidianas. In: _____. **O ensino de Geografia na escola**. São Paulo: Ed. Papirus. 2012. p. 109-128.

LIRA, Sônia. **O Estágio supervisionado para formação do professor de Geografia**. Campina Grande: UFCG, 2013.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. O livro didático de geografia. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; TOMOKO, Iyda Paganelli; CACETE, Núria Haglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1a ed. - São Paulo: Cortez, 2007.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO